UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

# Extrahumanidade em Star Trek: Reflexões de Antropologia Especulativa

Willian Perpétuo Busch

## SUMARIO

A diferenciação é a criatura. Ela é distinta. Diferenciação é sua natureza, por isso ela também diferencia. Por isso o ser humano diferencia, pois, sua natureza é diferenciação.
~Carl Gustav Jung, **Liber Novus**.

## 1. ESPECULAÇÕES SOBRE FICÇÃO

Estabelecer a ficção científica (*Science Fiction*) como objeto de estudo da Antropologia Especulativa demanda uma reflexão das duas palavras: ficção e ciência. Desse modo, a dúvida que se elabora é a seguinte: o que compõe a ficção científica?

Ficção advém do verbo latino *fingo*, que em sua acepção mais básica está associado com forma, molde e estilo. No grego, isso aparece como τεῖχος, o trabalho com a terra que produz muros e fortifica a cidade (BEEKES, 2010, p. 1459). Em Heródoto, τεῖχος é a ação tomada pelos administradores jônicos ao fortificar suas cidades e resistir ao poder armado persa comandado por Ciro II (HERODOTUS, 1975).

A origem da ficção, como τεῖχος, instaura uma separação entre os gregos e os não-gregos através da construção de muros. A ameaça do outro, na figura do persa, institui um "Eu" – o grego. A ficção estabelece a proteção diante do outro, na medida que o separa de mim.

Na produção cinematográfica de Zack Snyder, *300* (2003), a figura do outro aparece como aquele onde nenhuma forma de diplomacia é possível e, devido a isso, a solução é empurrá-lo no buraco. O persa deve ser morto e despedaçado, de preferência, em milhares. Ao outro, como inimigo do Eu, nenhum diálogo é possível. Há apenas a afirmação do Eu em depreciação do Outro através da frase proferida por Leônidas: *This is Sparta*.

O medo do Outro, encapsulado pela divindade *Φόβος*, instaura a ficção no Ocidente como uma negação ao Oriente. Ou melhor, a ficção do Oriente, ameaçador e dionisíaco. Marcado pela sedução, excesso e selvageria. Nietzsche afirma que quando o grego acessa a ficção dionisíaca, o resultado é uma exteriorização absoluta, uma saída do Eu que o lança em direção ao Outro.

No que tange a ficção científica, Leon E. Stover afirma o conceito começa a ser elaborado por Hugo Gernesback, em 1926, através da revista *Amazing Stories: the Magazine of Scientifiction*. O que está em jogo é a intenção de Gernsback em sua publicação – uma experimentação intelectual com as descobertas mecânicas e eletrônicas da ciência (STOVER, 1972, p. 24).

Mas é com John Campbell que Stover identifica a transformação que nos interessa. Não se trata apenas de uma literatura que narra sobre naves espaciais e gadgets futuristas, mas os efeitos da ciência e da tecnologia na sociedade (STOVER, 1972, p. 25).

Ao assumir a posição de editor *da Astounding Science Fiction*, Campbell transforma a ficção científica em uma crítica à ciência. Essa moldagem coloca a ficção científica para além dos muros da cidade-ciência, estabelecendo a diferença a partir da tomada das virtualidades literárias como potências capazes de atualizar a reflexão (DELEUZE, 2006) sobre os avanços da tecnologia sobre o homem.

O contato entre antropólogos e escritores de ficção científica já foi explicitado por Collins (2003), em *Sail On! Sail On!: Anthropology, Science Fiction and the Enticing Future*[2]. Após traçar um histórico interessante da forma através da qual diversos antropólogos, como Bateson e Mead se interessaram por ficção científica e cibernética, Collins afirma que a ficção científica pode oferecer para a antropologia uma forma crítica para pensar o futuro.

Tal maneira é feita por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, em Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins (2014)[3]. Os autores abordam a problemática do "fim do mundo" e do antropoceno, dois problemas antropológicos contemporâneos por excelência, com a maneira como a ficção científica vêm refletindo isso. Esse diálogo, que coloca em contato etnografias ameríndias e películas de Hollywood, é também a

[2] (COLLINS, 2003)
[3] (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014)

concretização daquela postura crítica que Campbell visará instaurar: crítica da ciência e das teorias contemporâneas e, através disso, a criação de uma imagem do pensamento sobre o futuro.

## 2. SINGH, UM FANTASMA DO PASSADO.

Este ensaio de Antropologia Especulativa, ou Outra Ciência, têm o intuito de explicitar as formas através das quais a engenharia genética é apresentada em *Star Trek*. Mediado por uma abordagem etnográfica experimental das produções literárias que tratam do assunto, bem como três episódios televisivos. Em um primeiro momento, ao analisar a literatura de *Star Trek*, pude estabelecer um diálogo entre as teses de engenharia genética humana com as propostas contemporâneas de transhumanismo e aceleracionismo.

Em uma segunda etapa, ao trabalhar com as produções cinematográficas, as acepções teóricas se desdobraram na discussão sobre as teses nietzschianas, utilizadas pelos *extrahumanos*, como sua base ontológica. E, também, percepções específicas sobre os modos através do qual os *Augments*, como coletivo, relacionam-se com poderes estatais (*United Earth* e *Klingon Empire*).

O tema da *extrahumanidade* surgiu durante a escrita de minha dissertação[4]. Com o intuito de problematizar a série de televisão *Star Trek – Voyager*, deparei com uma postura específica e severa diante do uso de modificações genéticas. Na ocasião, tratava-se da recusa, por parte de *Janeway* (capitã de *Voyager*), em auxiliar um coletivo robótico em construir outros robôs. Apesar de justificado pela personagem, não consegui compreender muito bem qual era o motivo dessa recusa[5].

---

[4] A dissertação será apresentada para o programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

[5] Refiro-me, em específico, ao episódio 13 da segunda temporada de *STV*, onde *Voyager* encontra o corpo de um *robot* flutuando pelo espaço, à deriva. O *robot* será reparado e reativado, e na ocasião irá explicar que seus criadores desapareceram há muito tempo e eles não tem a capacidade de se reproduzir (construir outras máquinas), apenas de fazer

Para isso, expandi a pesquisa para tentar encontrar as reflexões sobre a engenharia genética em outras obras de *Star Trek*. A primeira apresentação do tema ocorreu em 16 de fevereiro de 1967, com o episódio *Space Seed*, da série clássica (The Original Series). No ano de 2267, a *USS-Enterprise*, capitaneada por *James T. Kirk*, encontra uma nave do século XXI, *SS-Botany Bay*. Seus tripulantes, em estado de hibernação desde o lançamento da nave são *Augments*, humanos geneticamente modificados e *Khan Noonien Singh* é seu líder.

Os *Augments* e a tripulação de *Enterprise* entram em conflito, e o resultado é que os *extrahumanos* são enviados para um planeta onde poderiam construir uma vida independente da United *Federation of Planets*. Essa atitude, porém, resultou na reconstrução do império de *Singh*, que em 2285, conforme é retratado na película de 1982 *(Star Trek II – The Wrath of Khan*), lança-se contra a *UFP*[6].

A origem dos *Augments*, todavia, permanece obscura. Sabe-se que eles provêm de um determinado contexto histórico, marcado pelos séculos XX e XXI, e que possuem alguma relação com um conflito de proporções mundiais. Mas a narrativa que irá contar, em detalhes, o surgimento dos *Augments* só é publicado em 2001.

## 3. GUERRA EXTRAHUMANA

Escrita por Greg Cox, a trilogia *The Eugenic Wars* contextualiza todo o processo histórico de ascensão e queda dos *extrahumanos*, bem como sua fuga para o espaço – naquela mesma nave, *Botany Bay*, que será encontrada por Kirk e Spock.

O primeiro volume, apresenta a criação de uma organização internacional em 1974. Composta por diferentes cientistas que

---

reparos naquelas que já existem. Para *Janeway*, prover os robôs com novas habilidades equivale em alterar a estrutura genética.

[6] *United Federation of Planets*.

compartilham uma visão ideológica comum. A tarefa dessa iniciativa, conhecida como *Chrysalis Project*, está em manipular o genoma humano. O produto disso são os primeiros *Augments*, *extrahumanos* com habilidades cognitivas e físicas superiores aos humanos.

Max More, fundador do *Extropy Institute*[7], caracterizou a versão simétrica dos Augments no mundo contemporâneo como póshumanos:

> Becoming posthuman means exceeding the limitations that define the less desirable aspects of the "human condition". Posthuman beings would no longer suffer from disease, aging, and inevitable death (but they are likely to face other challenges). They would have vastly greater physical capability and freedom of form – often referred to as "morphological freedom". Posthumans would also have much greater cognitive capabilities, and more refined emotions (more joy, less anger, or whatever changes each individual prefers). (MORE, 2013, p. 38)

Essa condição de póshumanidade pode ser compreendida, nos termos de *Star Trek*, como a etapa *chrysalis*, o encapsulamento da humanidade para o advento da condição *extrahumana*.

> A chrysalis, of course, was another name for the cocoon in which a caterpillar metamorphosed into a butterfly. An appropriate symbol for an outfit that appeared to be dabbling in gene engineering [...] and not quite so obvious as, say, a double helix. (COX, 2001, p. 91)

Ao caracterizar o humano como uma condição restrita, aplica-se a forma metafórica de uma "lagarta". A manipulação genética, seja ela em *Star Trek* ou no *Transhumanismo,* permite o surgimento do *extrahumano* como uma "borboleta". A fala de *Dra. Kaur*, uma das principais responsáveis pelo projeto, permite detectar as mediações políticas da intervenção genética:

> Like so many others of our generation, I nurtured dreams of making the world a better place. I soon realized, however, that a better world was impossible without better people to live in it. Democracy, socialism, psychiatry, religion... all these avenues to utopia inevitably run into the inherent limitations of human nature, at least as we presently know it. Only by improving the human species itself, through controlled genetic manipulation, can we ever hope to

[7] Criado em 1991 por Max More e contemporaneamente conhecido como *Extropy-Chat*, trata-se de uma organização direcionada a divulgar as propostas do transhumanismo e promover diálogos interdisciplinares sobre o tema.

> overcome the ills that have perpetually plagued the peoples of the world: poverty, war, disease, and so on. (COX, 2001, p. 124)

Percebe-se que a ideia de "*like so many others of our generation*" é paradoxal. O que a engenharia genética estabelece é justamente um mundo sem outros. Um grupo de humanos busca superar sua situação ontológica através da criação de *extrahumanos*, mas para isso, a própria humanidade deve ser eliminada. Algo muito próximo do que Danowski e Viveiros de Castro alertaram, ao criticar Meillassoux e Brassier:

> A decisão anti-antropocêntrica na raiz destas duas versões do tema do "mundo-sem-nós" revela-se, no final das contas, totalmente obcecada pelo ponto de vista humano. Tudo se passa como se a negação deste ponto de vista fosse um requisito de que o mundo necessita para existir – curioso idealismo negativo, estranho subjetalismo cadavérico. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 51)

Para que os "problemas do mundo" sejam solucionados, não é pautado uma revolução política ou religiosa. O que está em questão é a aniquilação de outrem através da criação de um mundo para os *extrahumanos*. O que mais impressiona é que o discurso *Chrysalis* ressoa, de modo sincrônico, com a acepção aceleracionista de evolução tecnológica.

> We want to accelerate the process of technological evolution. But what we are arguing for is not techno-utopianism. Never believe that technology will be sufficient to save us. Necessary, yes. But never sufficient without socio-political action. Technology and the social are intimately bound up with one another, and changes in either potentiate and reinforce changes in the other. Whereas the techno-utopians argue for acceleration on the basis that it will automatically overcome social conflict, our position is that technology should be accelerated precisely because it is need in order to win social conflicts. (WILLIAMS; SRNICEK, 2013, p. 356)

A ação sociopolítica, tão importante para o aceleracionismo, é aplicada pelo *Chrysalis Project* através da criação de uma bactéria[8], geneticamente modificada. Utilizada como arma, o intuito é aniquilar a humanidade e abrir espaço para o domínio dos *extrahumanos*. Uma bactéria que acelera a decomposição humana, permitindo a resolução de qualquer conflito social – transsubjetalismo cadavérico.

[8] *Transbactéria acelerada* ou "bactérias velozes e furiosas".

Um grupo de origem não-terráquea, e por isso, terrano, intervêm no laboratório onde os *Augments* estão sendo criados. O resultado é a destruição daquele espaço. Com a exceção de um pequeno grupo de crianças geneticamente modificadas que consegue escapar e dispersar-se pelo planeta. O grande público não é informado[9] e as notícias da explosão são rapidamente abafadas pelas Nações Unidas[10].

No segundo volume da trilogia[11], Cox narra a ação dos *Augments*, agora adultos. Após escapar da destruição do laboratório, o grupo se dividiu. A superioridade física e mental, diante dos humanos, garantiu a rápida aglutinação de poder político, bem como de recursos militares. A humanidade é reduzida, pelos Augments, a uma condição servil.

Apesar do rápido domínio ao molde de *Blitzkrieg*, em 1992 os *Augments* começam a divergir em relação a um consenso de liderança. Cada um dos *Augments* deseja, para si, o poder absoluto, e a consequência é uma guerra de todos contra todos. Aproveitando essa instabilidade, uma coalisão das Nações Unidas consegue derrotar os *Augments*[12].

É nesse momento que *Khan Noonien Singh*, um dos principais *Augments*, irá fugir utilizando a *Botany Bay*, nave construída com uso de tecnologia reversa de equipamento *alien* que caiu na Terra. Com alguns poucos *Augments* fiéis a ele, *Singh* escapa do planeta[13].

O conflito, batizado como *Eugenic Wars*, resultou na morte de trinta e sete milhões de pessoas. Os governos políticos, tal como conhecemos hoje, foram obliterados. E, em 2026, instaura-se a *Third World War*[14]. Em

[9] E quando o grande público é informado de alguma coisa?
[10] Um ponto que pretendo explorer na minha dissertação é a proximidade assustadora entre a política de ação das Nações Unidas e da *United Federation of Planets* – ambas dentro de um registro de polícia espacial kantiana.
[11] (COX, 2002)
[12] Só consegue devido uma ajuda "terrana", dada pelo grupo que havia sabotado o *Chrysalis Project* no primeiro livro.
[13] Na sequência, irei considerar apenas a *timeline clássica* de *Star Trek* e não irei fazer referências ao *reboot* feito em 2009. Futuras reflexões sobre isso apenas na dissertação.
[14] Esse conflito ocorre pela existência de um partido que gostaria de retomar o uso de engenharia genética, e outros que negam tal uso. Apesar dos *Augments* não lutarem em tal conflito, suas motivações estão ligadas com a *Eugenic Wars*.

2053, esse conflito chega ao fim, sem nenhum vencedor e com o saldo de mais de 600 milhões de mortes.

Quando os humanos são contatados pelos Vulcans em 2063[15], lança-se as bases para um governo terrestre único: *United Earth*, concretizado efetivamente em 2150. Uma das prerrogativas da *United Earth* é banir o uso de engenharia genética em humanos. E, com o nascimento da *United Federation of Planets* em 2161, essa prerrogativa é estendida para todos os humanos membros[16].

Antes de seguir, é importante explicitar que há dois usos do termo "engenharia genética". O primeiro uso é caracterizado como um processo de normatização, destinado a corrigir certas deficiências físicas em um embrião em formação. A ideia é estabelecer condições "normais" para a vida.

Já o segundo uso é marcado por modificações que visam alterar as capacidades básicas do sujeito, colocando-o para além da normalidade. Ambos os usos são extremamente problemáticos no contexto contemporâneo, principalmente pela acepção do que vem a ser algo "normal" – todavia apenas o segundo uso é considerado e discutido em *Star Trek*.

## 4. *AUGMENTS* LEITORES DE ZARATUSTRA

Seguindo a cronologia do universo ficcional, a próxima aparição dos *Augments* é datada em 2154, e retratada em *Star Trek: Enterprise*, através dos episódios *Borderland* (S04E04), escrito por Ken LaZebnik e dirigido por David Livingston, *Cold Station 12* (S04E05), escrito por Michael Bryant e dirigido por Mike Vejar, e *The Augments* (S04E06), escrito por Michael Sussman e dirigido por LeVar Burton.

[15] Ver *Star Trek – The First Contact*.
[16] Outros coletivos utilizam a engenharia genética e não passaram por problemas iguais aqueles enfrentados pelos humanos.

*Borderland*[17] se inicia através da visão interior de um *Klingon Bird-Of-Prey*. Uma dupla de Augments, trajando vestes rasgadas[18] e desprovidos de qualquer armamento é escoltada por um grupo de *klingons*. Em instantes, os *klingons* são assassinados e os *extrahumanos* tomam o controle da nave[19].

Os *Augments*, apesar de não fazerem parte da *United Earth*, criam uma situação de instabilidade política entre o governo terráqueo e o *Klingon Empire*. Para os *Klingon*, o DNA que foi encontrado nos corpos da tripulação (ejetados no espaço), é humano. A *United Earth*, visando evitar que isso se transforme em um conflito aberto, age através da *Starfleet* – que envia sua nave mais avançada e a tripulação com maior experiência: *NX-01 Enterprise*, capitaneada por *Jonathan Archer*[20].

Visando procurar ajuda, Archer recorre ao maior expert sobre engenharia genética: *Dr. Arik Soong*. Preso há mais de 20 anos, *Dr. Soong* encontra-se confinado a uma cela no quartel central da *Starfleet*. No passado, Dr. Soong era responsável por supervisionar a *Cold Station 12*, estação espacial secreta destinada a estudar patogênicos letais e desenvolver curas. Todavia, *Dr. Soong* descobriu a existência de embriões *extrahumanos*, guardados em hibernação forçada e escondidos do público.

Após realizar novas modificações nesse material genético, *Dr. Soong* seleciona alguns embriões e foge. Apesar de descoberto e preso, o cientista

---

[17] Os *Augments* como a metáfora do Outro que cruza os muros da cidade.

[18] Estética com teor pós-apocalíptico, apenas com cor preta e sem nenhum adorno, decoração ou insígnia.

[19] Os *Klingons* se destacam, em *Star Trek*, por seu porte e vigor físico. Mas, a velocidade e a força dos *Augments* é tão superior que os *Klingons* mal conseguem perceber o que aconteceu. Futuramente, os *Klingons* tentaram utilizar a engenharia genética dos *Augments*, e irá causar danos terríveis para sua espécie. A manipulação genética se transforma em um vírus mortal que causa danos físicos aos *klingons*. Tais eventos e seus desdobramentos serão discutidos em outra ocasião.

[20] Diferente da *Enterprise* de *Kirk* e a *Enterprise* de *Picard*, a *Enterprise* de *Archer* apesar de ser a mais avançada da *Starfleet*, não é nem de longe uma nave avançada para os padrões galácticos. Situação que também é diferente de *Voyager*, que apesar de não ser uma nave de combate, mas de pesquisa, possui a melhor tecnologia disponível na época (e contará também com adicionais do futuro). A sobrevivência de *NX-Enterprise* está muito mais relacionada com estratégias e táticas do que força ou domínio bélico.

jamais revelou o paradeiro dos embriões. E, depois de todo esse tempo, seu trabalho aparenta "falar por si próprio".

*Archer observa que Dr. Soong seguiu com sua pesquisa, mesmo na prisão.*

Ao mesmo tempo que *Borderland* narra as peripécias da jornada de Enterprise para encontrar os *Augments*, a própria situação sociopolítica dos *extrahumanos* é tensa. O líder do grupo, *Raakin*, questiona de modo agressivo a iniciativa de *Malik* em assumir o comando da embarcação *klingon*. Tal ação colocou o grupo em uma situação de visibilidade e, com isso, em risco.

*Malik*, insatisfeito com a gestão política de *Raakin*, aproxima-se de *Persis*, Augment companheira do líder. A intenção de *Malik* é tomar o comando, e o apoio de *Persis* é fundamental. Aparentemente, *Persis* concorda com *Malik*. Mas, ao se encontrar sozinha com *Raakin*, revela os planos. Por sua vez, *Raakin* afirma que irá "trair os princípios do Pai", e eliminar seu irmão.

Esses princípios a que se refere *Raakin* são certas normas de coesão e solidariedade que *Dr. Soong* ensinou para os *Augments*, com o intuito de que a experiência de guerra de todos contra todos não se repetisse. A figura

de *Dr. Soong* não aparece no discurso dos *Augment*s como uma ameaça simbólica punitiva. Não há medo da "vingança" ou "castração", no sentido psicanalítico do termo.

O prestígio de *Raakin*, como chefe, está ligado através de sua possibilidade de agência. Desse modo, "o poder do chefe depende da boa vontade do grupo". O principal argumento de *Malik* contra *Raakin* é a ociosidade, fazendo com que os Augments permaneçam presos no planeta que cresceram. E, se as roupas podem indicar algo do espaço que vivem, a situação do planeta não é boa.

*Raakin agride Malik.*

Mas, conforme afirmou Clastres, "a maioria dos líderes indígenas está longe de oferecer a imagem de um rei ocioso" (CLASTRES, 2003, p. 57). E a ociosidade de *Raakin* é o problema. Além disso, a própria posição de *Persis*, como "mulher do chefe" é posta em movimento. Há uma recusa, marcada pela performance de posse de *Raakin*, em relação a *Persis*, em compartilhá-la. Ao vê-la como propriedade não-compartilhável e tratar *Malik* através da coerção, seu prestígio é perdido.

Quando *Raakin*, informado por *Persis*, confronta *Malik*, ele supõe que o prestígio, isto é, o apoio do grupo está do seu lado. Mas, quando sua arma

falha ao tentar atirar em *Malik* (sabotagem feita por *Persis*), *Raakin* invoca os outros membros do grupo para apoiá-lo. A chefia, porém, passou de lado, e agora os *Augments* seguem *Malik* e se mostram prontos para defendê-lo de *Raakin*:

> MALIK: They only listen to me now. There was a time when I looked up to you, when I called you my brother.
>
> RAAKIN: I am your brother.
>
> MALIK: When you rejected our father's wishes, you stopped being one of us, and when that happened, you ceased to exist. Which makes this an act of mercy. (LAZEBNIK; LIVINGSON, 2004)

*Malik recebendo apoio do grupo.*

*Malik* esfaqueia *Raakin*, consagrando sua posição no grupo.

Antes de seguir, é interessante perceber algumas relações etimológicas dos nomes dos *Augments*. O significado de *Malik* provêm da língua semita antiga e significa “chefe”. Além disso, no Islã, *al-Malik* é um dos nomes de *Allah*, apontando para a ideia de “rei dos reis” e “chefe dos mundos”.

Já *Persis* provêm do grego antigo, e era utilizado para mulheres que haviam se originado na Pérsia[21]. Na literatura grega, *Persis* aparece associada ao *praeceptor amoris*, isto é, mulheres cortesãs que iniciam sexualmente jovens gregos. Gerald N. Sandy destaca que Persis ocupa a função de *hetairai*, e seus nomes costumam terminar com "-is".

> They make their appearance in Greek literature as early as Achilles' captive concubine Briseïs in the Iliad and continue in Menander (Thaïs), Terence (Thaïs) and Petronius (Chrysis). (SANDY, 1997, p. 248)

Perceber ambas noções etimológicas permite visualizar que a ficção científica, apesar de dizer respeito a um mundo no futuro, mantém constantemente um diálogo com o passado e com o presente. Além disso, o acontecimento de assassinato do irmão marca uma transição no coletivo *augment*.

Como Caim, *Malik* aparece como aquele que é tanto respeitado, por seus irmãos, quanto temido por seus inimigos. Para Mircea Eliade, o assassinato de Abel "encarna o símbolo da tecnologia e da civilização" (ELIADE, 2010, p. 167), e, no caso de *Malik*, de uma superação da condição de estagnação resultada pela liderança de *Raakin*. Além disso, o paralelo entre a condição dos *Augments*, "abandonados" por *Dr. Soong* e a situação de Romulo e Remo é impressionante. Eliade apontou que o sacrifício de Remo é um desdobramento cosmogônico primordial (ELIADE, 2011, p. 104), permitindo a ascensão de Rômulo e de Roma.

Retornando para a narrativa, há uma confluência de eventos distintos que permite o encontro entre o grupo de *Augments* e *Enterprise*, bem como o debate entre *Malik* e *Archer*. O capitão da Enterprise explica suas ordens – levar os *Augments* para Earth, dado que as ações inconsequentes do grupo devem ser punidas. *Malik*, por sua vez, responde que:

> That's not our problem. We don't care what happens to you. Humanity is no longer relevant. To quote one of your philosophers,

[21] *Persis* como a *Outra* de Malik?

> Nietzsche, mankind is something to be surpassed. (LAZEBNIK; LIVINGSON, 2004)

*Malik* está fazendo referência ao conceito nietzschiano de superação da humanidade através do "além-do-homem". De acordo com Gilles Deleuze, esse conceito diz respeito não ao fim da humanidade ou outrem, mas o estabelecimento de uma nova maneira de sentir (DELEUZE, 2002, p. 94). Mas, para entender isso, é necessário se remeter a outro conceito de Nietzsche: a vontade de poder.

*Malik afirma para Archer que os problemas da United Earth não lhe interessam.*

Ainda na esteira de Deleuze, a vontade de poder é o elemento derivado da relação entre diferença qualitativa e diferença quantitativa. Em outros termos, é uma síntese de forças. Força não está sendo entendida como algo mecânico, mas aquilo que é "vitorioso"(DELEUZE, 2002, p. 50–51). A ideia de uma diferença qualitativa e outra diferença quantitativa é paradoxal dentro do pensamento de Deleuze. Isso se dá pois, em *Diferença e Repetição*, Deleuze afirma que a "diferença nem é qualitativa, nem extensiva" (DELEUZE, 2006, p. 226).

A diferença, ao se relacionar quantitativamente e qualitativamente, cria o intensivo. É através da relação, como vontade de poder, que a diferença de grau se transforma em uma diferença de grau inferior, e a

diferença de natureza assume o grau superior (DELEUZE, 2006, p. 337). Nesse caso, a diferença entre humanos e *Augments*, apesar de partir de uma diferença de grau, dada as qualidades cognitivas e físicas, transforma-se em uma diferença de natureza ao estabelecer uma nova forma de sensibilidade.

Com isso, instaura-se uma divisão ontológica entre os *Augments* da obra de Cox e os *Augments* modificados por *Dr. Soong*. Isso é evidenciado pelo próprio papel da vontade de poder. O poder, tal como entendido pelos *Augments* de Cox está orientado a tratar a vontade de poder como dominação. Mas, conforme Deleuze explica, essa é uma das formas erradas de entender o conceito nietzschiano, e interpretações como essa podem resultar em produções políticas fascistas (DELEUZE, 2002, p. XI).

Já o pensador alemão Martin Heiddeger[22], afirma que há a perspectiva da negação dentro do "além-do-homem":

> Em verdade, o além-do-homem nega a essência até aqui do homem mas ele a nega niilisticamente. Sua negação diz respeito a um traço distintivo do homem até aqui, a razão. A sua essência metafísica consiste no fato de, a partir do fio condutor do pensamento representativo, o ente na totalidade ser projeto e interpretado enquanto tal. (HEIDEGGER, 2007, p. 222)

A superação do homem consiste, além de seu aspecto de "melhoramento" genético, em uma nova relação com a razão. Para que isso seja estabelecido, é o próprio conceito moderno de representação que está em jogo. Ainda na pista de Heiddeger, essa negação não implica que o pensamento racional (*ratio*) cesse de existir, mas que esteja a favor de outra coisa, a animalidade (*animalitas*).

> A animalidade é o corpo corporificante, isto é, o corpo por si impetuoso que a tudo impõe seus impulsos. O termo "corpo" denomina aqui a unidade insigne da conformação de domínio de todos os impulsos, ímpetos e paixões, que querem a própria vida. Na medida em que a animalidade vive como se corporifica, ela é sob o modo de ser da vontade de poder. (HEIDEGGER, 2007, p. 223)

[22] Conforme Jung certa vez disse – o inconsciente prega peças. Logo após comentar sobre produções de políticas fascistas, passo ao pensamento de Heidegger.

Ao tratar a animalidade como algo que não está em oposição à razão, Heidegger permite que tratemos o conceito nietzschiano de superação do homem através de uma performance de além-da-humanidade ou *extrahumana*. De modo que o *Augment*, com seu intelecto e cognição superiores, experimenta ou performatiza um mundo que contém intensidades diferentes daquele do humano.

Nietzsche está negando a acepção aristotélica que define o homem como um animal racional político. Enquanto para Aristóteles a sensibilidade, mediada pelo prazer, é responsável pela vulgaridade (e deve ser suprimida na *Pólis*), para Nietzsche a razão se estabelece a partir do prazer como criação de valores (ARISTÓTELES, 2009, p. 21).

Desse modo, o "além-do-homem" irá negar qualquer forma de valoração que seja pautada por um modo de razão que suprime a sensibilidade. Tal não-recognição é detectada na fala de *Malik*, e permite lançar luz a acepção política dos *Augments*, uma vez que "o signo da recognição celebra esponsais monstruosos em que o pensamento 'reencontra' o Estado" (DELEUZE, 2006, p. 228), os *Augments* negam o aparelho estatal, seja humano ou *klingon*, categoricamente, marcando a "disjunção entre poder e coerção" (CLASTRES, 2003, p. 48).

*Archer*, ao discutir com o médico-chefe da *Enterprise*, *Phlox*, originário do planeta de *Denobula*, percebe que a engenharia genética é um problema exclusivamente humano. Por contraste, os habitantes de *Denobula* desenvolveram e utilizam ostensivamente a manipulação genética, mas isso nunca resultou em algo parecido com as *Eugenic Wars*. *Phlox* comenta que esse conflito foi um momento, na história humana, no qual intelecto e instinto entraram fora de sincronia. Algo que não ocorreu em *Denobula* (BRYANT; VEJAR, 2004).

O que *Archer*, nem *Phlox* percebem é a diferença ontológica entre os *Augments* da *Eugenic Wars* e os *Augments* atuais. Essa incompreensão irá resultar em consequências terríveis, ao mesmo tempo que marca uma

acepção muito específica das ações da United Earth, bem como da futura *United Federation of Planets*:

> [...] uma 'Federação Intergaláctica" promove e assegura uma espécie de paz armada, explorando o cosmos para expansão de suas fronteiras, não faltando, obviamente, os selvagens que não querem se submeter a tal jus cosmopoliticum – o espaço como 'fronteira final' a ser conquistada pelo humano". (NODARI, 2013, p. 249)

Os *Augments* conseguem resgatar *Dr. Soong*, encerrando o episódio. Em *Cold Station 12*, descobre-se um plano de resgate dos outros embriões, que permanecem em suspensão induzida. A tentativa de *Enterprise* em impedir que isso aconteça fracassa. Ao mesmo tempo, percebe-se a emergência de um novo conflito dentro do coletivo *extrahumano*.

O terceiro episódio, *The Augments*, retrata o colapso da relação entre *Dr. Soong e Malik*. Dado que a *Enterprise* está em seu encalço, o plano é encontrar um planeta onde os embriões possam se desenvolver. *Malik* discorda dessa política não combativa. Antes de abandonarem *Cold Station 12*, os *Augments* roubaram vários agentes patogênicos. Com algumas modificações, esses compostos químicos podem servir de armamento e serem lançados contra uma colônia *klingon*. Com isso, os humanos e *klingons* entrariam em guerra, permitindo que os *Augments* possam fugir[23].

*Dr. Soong* recusa o plano de *Malik*, e posteriormente, irá pedir para que seu filho pare de questionar suas ordens na frente dos outros. *Malik*, a princípio, concorda, mas logo percebe que *Dr. Soong* está modificando os embriões:

> MALIK: You're manipulating its DNA.
>
> SOONG: These base-pairs sequences regulate the neurotransmitter levels in their brain. If I can modify them, aggression and violent behaviour will be removed.
>
> MALIK: You're changing its personality.

[23] Apesar de parecer com a postura da criação de uma "super bactéria", a responsabilidade pelo agente patogênico é da *United Earth*, e esse é o único modo que *Malik* encontra para se livrar da perseguição.

> SOONG: I'm correcting a defect in its genome. Genetic engineering was in its infancy when you were created. They weren't able to repair all the mistakes.
>
> MALIK: Did you fix these mistakes in the rest of us?
>
> SOONG: I didn't know how until recently.
>
> MALIK: What right do you have to tamper with their genome?
>
> SOONG: Trust me. I know what I'm doing.
>
> MALIK: You don't know that this is a defect. Maybe this is the way our creators wanted us to be. (SUSSMAN; BURTON, 2004)

Sugerindo compreender os *Augments* em seus próprios termos, isso é, nietzschianos, pode-se perceber que é a vontade de potência que está em jogo. Ao tratá-la como algo que deve ser corrigido, Dr. Soong não percebe que:

> O além-do-homem vive, na medida em que a nova humanidade quer o ser do ente como vontade de poder. Ela quer esse ser porque ela mesma é querida por ele, isto é, entregue incondicionalmente a si mesma enquanto humanidade. (HEIDEGGER, 2007, p. 231)

Anular a agressão e o comportamento violento é justamente eliminar o tipo de performance que os *Augment* consideram como fator diferenciante dos humanos. A vontade de poder, ao ser anulada, esvanece consigo aquele aspecto da razão como algo vivo "enquanto razão corporificante" (HEIDEGGER, 2007, p. 223).

Conforme destaca Patrick Wotling, o conceito de afeto nietzschiano é a síntese de dois processos distintos: a capacidade de ser afetado e afetar outrem através da sensibilidade (WOTLING, 2009, p. 110). De modo que, para *Malik*, *Dr. Soong* está colocando a própria ontologia dos *Augments* em jogo.

Evitando um parricídio edipiano, pois certamente os *Augments* não precisam de psicanálise, *Malik* prende seu pai e reassume sua posição de líder no grupo. *Persis* discorda, e ajuda *Dr. Soong* a escapar. Por retaliação, *Malik* a assassina.

A *Enterprise* acaba encontrando o *pod* de *Dr. Soong*, e com seu auxilio, os *Augments*. Após uma breve escaramuça, a nave *klingon* é

desabilitada. Apesar da oferta de rendição, *Malik* inicia um sobrecarregamento nos sistemas, semelhante a um processo de autodestruição. Com isso, os *Augments* e os embriões são destruídos.

*Archer*, de uma posição um tanto quanto moralista (ou kantiana), discute com *Dr. Soong* a atitude dos *Augments* em se revoltar contra ele. Mas, para *Dr. Soong*, isso foi culpa da *Starfleet,* que preferiu manter ele trancado por vinte anos, e impediu que os *Augments* tivessem uma educação sólida. *Archer* discorda:

> None of that would have mattered in the end. It's in their nature. They were engineered to be this way. Superior ability breeds superior ambition. (SUSSMAN; BURTON, 2004)

## 5. EQUIVOCAÇÕES

Visando estabelecer uma conclusão provisória, é necessário antecipar alguns equívocos oriundos desse ensaio. Primeiramente, não se trata de ler ou interpretar o pensamento de Nietzsche utilizando os *Augments* como exemplo. Nietzsche surge, na investigação, por ter sido citado pelos próprios *Augments*, e não o contrário. Apesar de não ser explorada com maior intensidade em *Star Trek*, a ideia de uma civilização puramente nietzschiana aparece em uma outra obra, criada por Gene Roddenberry e filmada após sua morte: *Andromeda*. Produção que retrata uma raça de extrahumanos, geneticamente modificados, que se intitulam como Nietzschians e usam a filosofia do pensador alemão como base ética e genética de sua sociedade.

Como corolário da primeira equivocação, Nietzsche nunca pautou ou supôs a existência de uma "natureza humana". Esse conceito aparece nas reflexões transhumanistas, e no *Chrysalis Project*, mas os *Augments* não o utilizam. Se a "natureza humana" é tratada no sentido dado por Malinowski, isso é, a capacidade de organização dos homens para sobreviver diante das dificuldades do ambiente que vive e construir instituições culturais (MALINOWSKI, 1960), convém a dúvida se há algo

simétrico a isso em Nietzsche. Se esse é o caso, em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche afirma que a sociedade surge através das relações prazerosas que os homens estabelecem:

> As manifestações de prazer semelhantes despertam a fantasia da empatia, o sentimento de ser igual: o mesmo fazem os sofrimentos comuns, as mesmas tormentas, os mesmos perigos e inimigos. (NIETZSCHE, 2005, p. 70)

Não se trata de uma acepção durkheiminiana de solidariedade. A sociedade, em Nietzsche, surge como uma fantasia que estabelece aliança entre diferentes sujeitos visando resistir ao Outro. O qual pode tomar a forma de outros grupos, ameaças climáticas ou mesmo aparelhos Estatais.

O que nos leva para o segundo ponto, o aparente paradoxo entre a afirmação de que a socialidade Augment é dada em termos clastreanos, e por consequência, ameríndios. O caso é que a ausência de Estado nos coletivos ameríndios está relacionada com uma negação do poder coercitivo desse aparato de dominação. E, essa noção, parece ser incompatível com a vontade de poder nietzschiana.

Para resolver esse paradoxo, é necessário relembrar que os *Augments* dos quais narra Cox são diferentes dos *Augments* de Dr. Soong. Na primeira situação, dentro do planeta *Earth*, os *Augments* operam como ditadores. Tomam controle da máquina-de-guerra e a utilizam contra os Estados humanos, ao mesmo tempo que visam constituir um Estado para si, reterritorializando essa mesma máquina (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Já os *Augments* criados por *Dr. Soong* não indicam, em instância alguma, a intencionalidade em tomar o controle do Estado, seja a *United Earth* ou o *Klingon Empire*. Os *Augments*, e isso fica evidente nas falas de *Malik*, não se importam com o Estado. Aliás, a ideia é utilizar as duas máquinas de guerra, uma na forma de patogênicos da *United Earth* modificadas em um foguete *klingon*, para que esses dois Estados entrem em guerra e o nomadismo *augment* possa completar seu processo de desterritorialização.

Sendo assim, vontade de poder não significa o estabelecimento de um poder coercitivo, mas “a pura autolegislação sobre si mesma: o comando para a sua essência, isto é, o comando para o comando, a pura dinâmica de realização de poder própria ao poder” (HEIDEGGER, 2007, p. 228).

## REFERÊNCIAS


ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Traducao Antonio de Castro Caeiro. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.

BEEKES, R. **Etymological Dictionary of Greek**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2010.

BRYANT, M.; VEJAR, M. **Star Trek - Enterprise: Cold Station 12 (S04E05)**United States of AmericaCBS Television, , 2004.

CLASTRES, P. Troca e Poder: Filosofia da Chefia Indígena. In: **A Sociedade contra o Estado - pesquisas de Antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

COLLINS, S. G. Sail on! Sail on!: Anthropology, Science Fiction, and the Enticing Future. **Science Fiction Studies**, v. 30, n. 2, p. 180–198, 2003.

COX, G. **The Eugenic Wars - The Rise and Fall of Khan Noonien Singh Vol. 1**. Epub ed.New York: Pocket Books, 2001.

COX, G. **The Eugenic Wars - The Rise and Fall of Khan Noonien Singh Vol. 2**. Epub ed.New York: Pocket Books, 2002.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2014.

DELEUZE, G. **Nietzsche**. London & New York: Continuum, 2002.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrênia**. Traducao Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

ELIADE, M. **Historia das crenças e das ideias religiosas, Vol. I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas, Vol. II: de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Traducao Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HERODOTUS. **Books I-II**. Traducao A. D. Godley. London: Loeb Classical Library, 1975.

LAZEBNIK, K.; LIVINGSON, D. **Star Trek - Enterprise: Borderland (S04E04)**United States of AmericaCBS Televion, , 2004. Disponível em: <http://en.memory-alpha.org/wiki/Borderland_(episode)>

MALINOWSKI, B. **A Scientific Theory of Culture and Other Essays**. New York: Oxford University Press, 1960.

MORE, M. The Philosophy of Transhumanism. In: **The Transhumanist Reader**. Epub ed.West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. Traducao Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NODARI, A. O Extra-Terrestre e o Extra-Humano: Notas sobre "a revolta kósmica da criatura contra o criador". **Revista Landa**, v. 1, n. 2, 2013.

SANDY, G. N. **The Greek World of Apuleius: Apuleius and the Second Sophistic**. Leiden: Brill Academic Pub, 1997.

STOVER, L. E. **La Science-Fiction Américaine: Essai d'anthropologie culturelle**. Paris: Aubier Montaigne, 1972.

SUSSMAN, M.; BURTON, L. **Star Trek - Enteprise: The Augments**United States of AmericaCBS Televion, , 2004.

WILLIAMS, A.; SRNICEK, N. #Accelerate: Manifessto for an Accelerationist Politics. In: **#Accelerate# The Acceleracionist Reader**. Epub ed.Berlin: Urbanomic Media, 2013.

WOTLING, P. As paixões repensadas: Axiologia e afetividade no pensamento de Nietzsche. In: MARTON, S. (Ed.). . **Nietzsche, um "francês" entre franceses**. São Paulo: Discurso Editorial, 2009. p. 93–114.